

A caridade intelectual

Conferencia inedita

Estevam de Almeida

Esta conferência inedita foi pronunciada pelo Dr. Estevam de Almeida, no Liceu do Sagrado Coração de Jesus, de São Paulo. O autor não poudé concluir a revisão iniciada.

Os homens só em sociedade pódem viver. Mas como conseguir essa coexistencia? Tal é o problema da vida, a questão vital, por excêlencia, da sociedade humana.

São duas as soluções possíveis: auxiliarem-se uns aos outros, ou combaterem-se uns aos outros. Em outras palavras: união para a vida ou luta para a vida. A luta para a vida é a lei da animalidade, abrindo-lhe exceções algumas especies, como sejam as abelhas, os castores, as formigas. A união para a vida é a lei dos racionais, que pódem praticar a luta para a vida, como meio de resolverem o problema da convivencia, recuando assim para a animalidade.

O princípio da luta para a vida é o egoismo. Cada individuo para si, donde a denominação de individualismo para essa situação. Concurrência é o vocabulo que lhe exprime o ato característico: os mais fortes exploram, oprimem, esmagam, si tanto fôr preciso, aos mais fracos.

O princípio da união para a vida é a caridade. Sua fórmula: cada um para todos e todos para cada um. Manifesta-se pelo vocabulo cooperação o seu ato essencial, sempre em vantagem da coletividade (*corpus*), donde a adequada denominação «corporatismo».

São esses os dous grandes princípios que, na história social, como na ciencia social, deparam-se-nos em perpétua e porfiada justa, desde tempos imemoriais.

O individualismo, transunto do egoismo, tem como manifestação habitual a revolta, como termo final o nihilismo ou a dissolução, como regra o abandono de cada um a si mesmo, qual nonada independente, seu proprio centro, seu proprio fim, seu proprio chefe, seu proprio Deus. E' anti social, por excêlencia. O corporatismo em completa antitesse: alentado no amôr mutuo ou caridade, fonte inexgotavel de sociabilidade e solidariedade entre os homens, fortes e fracos, sua fórmula prática é a associação, sob fórmulas multiplas: sua divisa, o «*vae soli*» dos textos evangelicos. E' social, por excêlencia. O individualismo é a característica do paganismo. A guerra é, segundo ele, o meio de adquirir propriedade, como é a origem do servilismo e do proletariado. Daí a disjunção social, de que resulta o dualismo e a consequente hostilidade entre ricos e pobres; daí a fôrça em apoteose, como a *ultima ratio*, o princípio dos princípios, a base do direito; daí o absolutismo do pai de familia e o absolutismo do proprietario, a plutocracia e o patriciado, consecutórios do triunfo do mais forte... E este desencadeamento do egoismo humano tem como sequencia uma multidão de sucessivas eliminações, cujo remate é a absorção de todos os proprietarios por um proprietario, de todas as soberanias por uma soberania, a onipotencia final de César.

Nem é outra a explicação desta frase celebre: «Todos os devoradores do mundo são, por sua vez, devorados». E iso que resulta da preferencia do egoismo que mata á caridade que vivifica, da concurrencia á cooperação, da luta para a vida á união para a vida.

Mas ainda e sempre o que a fôrça cria, é tambem a fôrça que destrói. Fenece o mundo pagão ás plantas dos barbaros.

Raia o cristianismo. Seu ideal, concentrado em duas pa-

lavras: «*diligite invicem*», vai reconstituir a sociedade. O novo espírito de fraternidade implanta, de par com a maxima coesão social, um nivelamento geral. Baqueiam distinções de classes, de sexo, de raça, de nascimento, de fortuna.

E' o que reçuma destas palavras dos «Atos dos Apostolos»: «*Multitudinis credentium erat cor unum et anima una*». Da união dos corações, a espontanea e não imperativa união de bens: «*Nec quisquam eorum quae possidebat, aliquid suum esse dicebat, sed erant illis omnia communia*». E não havia pobres entre os cristãos: «*Neque enim quisquam egens erat inter illos*».

As perseguições entravam a marcha destas idéas, durante seculos, e quando, sob Constantino, triunfa o Cristianismo, estão os costumes saturados de individualismo. A pressa salutar da idéa cristã logra, ainda assim, apreciaveis vantagens: atenua o absolutismo do pai, abranda a condição da mulher e do escravo, melhora os costumes, suprimindo as pugnas, gladiatorias, o abandono dos recém-nascidos e o direito de vida e de morte domestico.

Surpreende então a Europa a magnificencia da ação monacal. «Colons de Dieu», os discipulos de São Bento e de São Columbano cultivam desertos e charneças, dessecam treme-dais, abatem florestas, erigem templos, levantam mosteiros, constróem asilos e hospícios. De instituição divina, pois que, consoante a narração biblica, creado o homem, recebêra para sua habitação um paraizo de delicias para que o cultivasse, *ut operaretur*, rehabilitado e santificado por Cristo, teve o trabalho, nos monges do Ocidente, os seus missionarios.

E' uma epopéa civilizadora esse labor maravilhoso, descrito por Montalembert, executado abnegadamente sem a eiva de trabalho pessoal. Pública era a riqueza que dele promanava, posta sob uma tutela tambem social, exercitada pelo episcopado e pelas abadias, com a cumulativa incumbencia da conciliação, pacificação e mediação entre ricos e pobres, ex-comunhão dos opressores e resgate dos cativos. E, ao lado dessa prosperidade material, a evangelização a preservar os povos dos vicios da velha civilização romana, e, sob energicos e reiterados imperativos dos concílios, a instrução das proprias populações rurais, conquistadas á escravidão para o colonato.

Quando, a um recrudescimento do individualismo, reencarnado nos grandes senhores, em luta entre si, ou de castelo a castelo, e com o poder central, iniciou-se para o mundo a denominada idade de ferro: ei-los, os mosteiros, a intervir contra a bruteza do flagelo das guerras privadas, mercê desta instituição, a «trégua de Deus», armistício de tres dias por semana, imposto aos beligerantes, também com a libertação das comunas mediante concessões chamadas «cartas», e ainda com a constituição de associações profissionais ou corporações, modeladas pelas confrarias pias, ao intento de solidarizar as pessoas de mesma profissão, organizar entre elas a mutua assistencia, regulamentar o trabalho, resguardar as tradições, os costumes, os segredos tecnicos e todos os intêresses de cada profissão, impedir os abusos de concorrência e as fraudes. A propria guerra a humanizaram com a criação da dignidade de cavaleiro armado, «perfeito soldado e perfeito cristão». Benzendo-lhes a espada, que empunhavam após solene juramento de praticar as leis de Evangelho e as da honra, e de proteger os oprimidos, dizia-lhes o levita: «Deus santo, abençoai esta espada de dous gumes; que com um fira o infiel que accomete a Igreja e com o outro, o rico que oprime o pobre».

Sob o imperio do direito cristão, dessa idade média tão injustamente achincalhada, honrado e protegido, não conhecia o operariado as miserias materiais e morais do operario moderno descristianizado. E no pobre divisava o cristão as apparencias, os sinais sensiveis da divina presença de Cristo que está nele, disse-o autorizado principe da Igreja, como está na Eucaristia.

Encerra-se esse ciclo medieval. A nova irrupção do egoismo, devido a causas várias, o destino social da propriedade desaparece. Com a tomada de Constantinopla pelos turcos, refluem os gregos para o Ocidente, portadores do espirito pagão, a pairar em obras atraentes de apurada arte, nas ideas e nos costumes públicos e privados.

Esse neopaganismo manifesta-se, na esfera religiosa, produzindo o racionalismo; na política, o liberalismo e, na economica, o capitalismo. Na religiosa foi galicanismo, foi jansenismo, foi deismo, foi ateismo, foi iluminismo, foi panteismo, foi evolucionismo, foi positivismo Na política foi liberalismo:

regalista, contra o poder religioso, e democratico, contra o governo constituído. Na economica foi o capitalismo, a plutocracia, o dominio da riqueza, o reinado do ouro.

A plutocracia neopagã derruí a solidariedade, em todas as suas fórmãs, pois que nela ergue-se avassalante o egoísmo. E contra a plutocracia perfila-se o revolucionarismo, ora coletivista, o sindicalismo, ora anarquista, o anarquismo.

A ameaçar, pois, a civilização Cristã, defrontam-se duas tiranias rivais: a dos maus ricos, oligarquia capitalista, a dos maus pobres, anarquia proletaria.

Como se interpõe o Cristianismo, neste prélio de gigantes ? — Perseverante sempre em propugnar, contra a luta para a vida, a união para a vida.

Constituí sua fôrça, dizia Brunetièrre, ser ele, antes de tudo, uma sociologia. E' o que ha mais socializador no mundo, tendo por base a caridade, sagrado princípio de que tem o monopolio. O que fez nos tempos passados, fá-lo no presente e fá-lo-á de futuro, apenas variando fórmãs: conciliar, coordenar, associar, disciplinar, solidarizar os homens valendo-se de instituições que suscita e mantém, adequadas a refrear-lhes o nativo egoísmo.

São sociais as obras que empreende, é dizer, visam o individuo, como sêr essencialmente social ou considerado no conjunto de que é parte. A assistencia que elas dispensam, inspira-se na concepção solidarista do homem, não se constringe ao conforto do pão, do vestuario, do tétó, aspira e colima a melhoria do meio familiar e profissional. Não é momentanea, sinão permanente.

No anfiteatro pagão romano, sêres humanos, muitas vês fracas mulheres, eram estraçalhados pelas fêras e gladiadores trucidavam-se para gaudio do povo rei, confundindo-se, em um só vozerio, as delirantes aclamações deste, os rugidos das fêras, a grita lancinante e os estertores das vítimas. Como operou então o ideal cristão ? Acudindo aos míseros ? Não, sinão apostolando a justiça e a caridade, para conseguir a libertação de três quartos da humanidade.

Em alívio de um membro dolorido, atúa-se sôbre o corpo enfermo. Assim, a obra social é ao princípio do mal que põe sua mira. O socorro individuado é principalmente curativo;

a obra social é principalmente preventiva. Além de que, não só ao mundo da indigência, sinão também ao imenso mundo do trabalho, é que ela se dirige, afanosa em promover-lhes a melhoria das condições materiais, intelectuais e morais.

Não me seria possível enquadrar aqui uma rapidissima enumeração siquer dessas creações, para a humanidade sofredora ou desvalida, que, com infatigavel solicitude e sob os mais engenhosos expedientes, de maravilha em maravilha, vem realizando o Cristianismo, medianeiros os Basilios e os Crisóstomos, um João de Deus e um Vicente de Paulo.

Já o grande Crisóstomo quando tentava inscrever, no frontispicio dos novos extranhos palacios que se iam erguendo á beneficência, um informe de sua sublime destinação, confessava-se obrigado a formar palavras novas, falhos, esmarridos os lexicos opulentos da lingua grega ante esses assombrosos empreendimentos. E' por isso que os povos, que isso vêm, confundem em suas doações, a Igreja e os pobres.

A infancia abandonada e culpada, os filhos sem nome e sem parentes, os surdos-mudos, a velhice, a indigência, os mutilados na guerra, a mãe de familia caída em pobreza, a donzela, a mulher arrependida, os enfermos de molestia passageira ou incuravel, os convalescentes, abrem-se-lhes de par em par as portadas dos asilos, albergues, hospitais, recolhimentos, sanatorios, monumentos que, por toda a parte, como por encanto, se vão levantando, elevada, dir-se-á, a um culto a caridade, culto a Jesus, o divino indigente. E ainda não é tudo: instituições de previdencia, caixas dotais, dispensarios, habitações a preços ínfimos, jardins operarios.

Herculanum e Pompeia soerguem-se, em nossos dias, das lavas candentes do Vesuvio. Que é que se nos antolha na ruïnaria redíviva dessas famosas cidades? Foruns, colunas, estátuas, termas, templos, teatros, tudo que aos prazeres, ao culto idólatra e aos negocios podia prestar. Nada de escombros, destroços, vestigios dessas fundações hospitaleiras que constituem, em verdade, a gloria de nossa civilização.

Mas, nesse recenseamento, de leve comentado, das multipas manifestações da caridade, até aqui, apenas ligeiras referências levamos feitas á que bem se póde dizer INTELECTUAL,

pelo seu alvo — a inteligência, para esclarecê-la e transformá-la na luz e na ciência. O ensino é uma caridade e o Cristianismo tem-na também portentosamente praticado.

No antigo e no novo mundo, por toda a parte, ao lado das catedrais e dos santuarios, funda escolas e liceus, instala universidades, cria bibliotecas, assombra o mundo com colossais e variados orfanatos.

A caridade intelectual historicamente pôde-se dizer que começou pelo filho do povo, considerado, como o do rico, com direito á luz, que tanto deve descer aos mais baixos vales como subir aos mais altos cumes. E tendendo a ser universal, era gratuita. Taine, historiando a Revolução, increpa-a de ter matado a instrução, arrebatando ao clero os bens que faziam viver as escolas.

O dissidio neste particular, e dissidio irreductivel, entre o Cristianismo e seus adversarios, está em que ele vem considerando inseparaveis a instrução e a educação, como operações que, queira ou não, ha de realizar simultaneamente o mestre. Quem aprende recebe, ao mesmo tempo, a luz para a intelligencia e, acaso insensivelmente, porém de modo necessario, a impressão moral para o coração. A instrução é a cultura do entendimento, seu objetivo é levar-lhe fatos para que os conheça, estude e assimile. O entendimento formúla seus princípios, regras ou maximas, mais ou menos categoricamente, e esses princípios ou regras, presentes á vontade, dão o criterio de bondade ou malicia para a ação. Não ha, não pôde haver operação humana em que não entrem os dous fatores: um que conhece e outro que quer. A educação é a linha que assinala, com pontos luminosos, por onde caminhar.

Sôbre assim difundir profusamente o ensino popular, por onde quer que se expanda o Cristianismo, viceja-lhe, como que na sua esteira, em lustreverde floração, o ensino superior. Este e a religião existem para se compreender e caminhar a par. A filosofia serve a preservar a mente dos desvios do orgulho, a história para malsinar os êrros e falsidades com que se tem procurado desfigurar a religião; a eloquencia e a poesia para exalçar e decantar a verdade, o bem e o belo

E, mais, ateia esses grandes fócios, em que, com ardor

igual, se cultivam ciencias sagradas e profanas, teologia e filosofia, jurisprudencia canonica e civil, filologia, matematicas, ciencias fisicas e naturais, literatura. São essas universidades numerosas e florescentes de que já algures se disse, em referência ás mais antigas, tinham pápas por protetores, santos por mestres e a cristandade por auditorio.

Fez seu tempo a declamação, aos quatro ventos, de peremptório antagonismo entre as idéas cristãs e a sociedade moderna. Penetrar os segrêdos do mundo e das vidas é anelo que orienta a alma para a verdade, o mais nobre de todos os bens, regra sublime de nossa ação. O Cristianismo, em todos os tempos, palmeou o zêlo, encomiou o êxito, honrou os doutores da verdadeira ciência.

Estimular, com o seu favor, iniciativas fecundas não implica que se não malsinem êrros e abusos, idéas extravagantes e teses temerarias, vã inquietação ou enfermiza curiosidade, a disfarçar-se sob palavras usurpadas — progresso e civilização. Favonear os surtos do pensamento não quer dizer convir com a aberração daqueles que, tendo proclamado haver a ciência atravessado todos os véos, retrocedem de seguida e inspirando-se em Democrito, e Protagoras, Luthero e Kant, mergulham em estéril agnosticismo. Será impossivel apreender a realidade sob as apparencias, o sêr sob os fenomenos, a causa sob os effeitos? Afirmá-lo é contrastar a sêde de visão que nos devora, é declarar impossivel a certeza proclamada necessaria, é substituir a noção popular de ciencia por um aglomerado de palavras campanudas e vazios conceitos, por um estólido sistema de sinais artificiais.

Vinga a honra da razão, nestes estos de anemico ceticismo ou de nihilismo intelectual, a filosofia cristã. Nosso poder é limitado, sim, nosso caminho é vacilante, mais de uma vez perde-se o nosso olhar nas trevas do incognoscivel, há dominios em cujo limiar sentimo-nos obrigados a parar; mas nos não limitamos a atingir apparencias, «os fenomenos são avenidas que conduzem á contemplação luminosa das substancias». Dado nos não é tão sómente apreender as causas proximas das cousas, pois, não contendo estas sufficiente explicação de sua existencia e de sua atividade, delas nos elevamos necessariamente

a uma realidade suprema, causa das causas, substancia das substancias, Deus.

O Genio, reiterando experiencias, com tenacidade indefesa, demanda á razão, a causa do fenomeno verificado. Pasteur não se contentou em descrever a raiva; não descansou em suas pesquisas, antes de lhe descobrir o bacilo gerador.

Pondo fêcho a esta digressão em que por ventura me demasiei, volto a acentuar: a caridade intelectual tem-na, com exuberancia, exercitado o Cristianismo, nessa difusão de ensino superior, secundario e popular por milhentas escolas e orfanatos, liceus, universidades e bibliotecas como que sombra de suas cathedrais, mosteiros e santuarios. E ainda não disse tudo: veicula-se a caridade intelectual tambem pelo livro de ciência ou de arte, como pela imprensa — o jornal e a revista. Particular é este tão copioso que, embora só em relançado escoreço, fôra assunto a outra conferência.

Que se não omita, porém, mais um aspeto da caridade intellectual. Consiste ele em dirigir o progredimento da justiça ou «abrir ás almas a mais justiça». Por outras palavras, em fazer inscrever na conciencia coletiva, primeiro, e nos codigos, depois, direitos novos, creados dia a dia.

E' de notavel pensador contemporaneo esta ponderação: «a caridade é infinita, em suas reivindicações, por isso que o amor não tem limites. Não lhe basta pensar e curar chagas, quer suprimi-las; reduzida ao primeiro mistér, não seria a caridade cristã. O seu ministerio preventivo ela o exercita, fazendo crescer e progredir a justiça na humanidade, criando uma conciencia coletiva em seu favor, infiltrando nas almas um apêlo a direitos novos, fazendo sentir seu mal ao infeliz, mas principalmente fazendo-o sentir a outros que não ele, guiando a opinião pública a reconhecer novos direitos de justiça a pessoas deles privados, trabalhando para a redação dos Codigos futuros. Suscitando direitos novos, é a caridade forçosamente um instrumento de progresso: a justiça de hoje é a caridade de ontem; a caridade de hoje é a justiça de amanhã».

* * *

Tendo começado por demonstrar que o princípio de toda a sociedade é a união e o princípio de toda união é a caridade e tendo, em seguida, assinalado as diversas manifestações da caridade intelectual; si me não apoquentasse o proposito de coarctar esta conferência dentro de razoavel limite de tempo, passaria, como havia planeado, a memorar a ação poderosa de algumas figuras primaciaes, nos fastos do Cristianismo, heróis de empreendimentos momentosos. Seria a de um João Baptista de la Selle, seria a de um Vicente de Paulo, seria a de um Melchior Bosco.

Na impossibilidade ou antes na imprudencia de levar por deante esse designio, que se me releve ao menos que em preito a esta associação dita «Dos Ex-Alunos de Don Bosco», ponha termo ao que venho dizendo, com algumas referencias ao nosso glorioso orago.

Don Bosco, pôde-se dizer, é uma personificação prodigiosa da caridade intelectual. Começou ele a sua obra, em que seus benemeritos filhos, os padres salesianos alentadamente proseguem, chamando a seus cuidados materiaes e morais chusmas e chusmas de crianças abandonadas, vítimas da culpa de seus pais ou da negligência da sociedade, nascidas á beira de sargetas, acalentadas ao som de blasfêmias, crescidas á intemperie e entre os riscos de todas as enfermidades fisicas e morais. Continuando em abandono, atrofiar-se-ia nellas o germen da vida moral e de pequeninas feras tornar-se-iam grandes feras.

Acolhidas, recebem todas a instrução elementar e, segundo a capacidade de cada uma, preparam-se, em seguida, para uma arte ou officio, ou para altos estudos.

Quando expirou, em 1888, legou Don Bosco á Igreja 6.000 padres e á sociedade 350.000 membros prestantes. A seguir, orfanatos e oratorios por toda a parte.

A progressão do desenvolvimento da familia salesiana raia pelo miraculoso! E não é somente á educação primaria e secundaria, assim como á professional que convergem os esforços desses benemeritos lidadores; publicam livros e revistas, e, entregando á sociedade os seus alumnos, incitam-os á convivencia,

em associações como esta, cujo ano social ora festejamos. A obra de Don Bosco justamente ha, pois, sido proclamada um poderoso fóco de recristianização.

E como vêm modelando os salesianos os seus alunos? Pelo molde cristão, ardorosamente animados do espirito de seu fundador. Assinalam-lhes o dever, a consciencia, o ideal, estrelas que os guiarão segura e indefectivamente, porque, assinallando-lh'as, mostram esses educadores a seus discipulos Deus. Deus no céo e nos tabernaculos, Deus em si mesmo, em sua vida de dedicação, em seus exemplos de virtude, em seu coração carinhoso.

O' caridade, que seria do mundo sem ti, sem esses homens heroicamente desvelados, que morrem para si, afim de viverem para os outros.
